

# RESENHA BIBLIOGRÁFICA (\*).

---

IRN KHALDUN. — **Os Prologômenos ou Filosofia Social.** Tradução integral direta do árabe por José Khoury e Angelina Bierrenbach Khoury. Introdução de Jamil Almansur Haddad. Tomo primeiro. Instituto Brasileiro de Filosofia. Editôra Comercial Safady Ltda. São Paulo, 1958. 568 páginas. Brochura.

Ibn Khaldun, historiador e sociólogo do Islão no século XIV, autor bastante conhecido dos estudiosos daquele período histórico (1), é considerado, além de historiador e sociólogo, um precursor dos economistas da época contemporânea. Expôs suas idéias e conhecimentos na obra **Os Prologômenos, ou A Filosofia Social**, agora traduzida diretamente do árabe para o português, em três volumes, dos quais, o primeiro, que aqui resenhamos, já foi pôsto ao alcance do público.

Esta tradução apresenta de início um prefácio do autor e uma interessante introdução onde êle estabelece as bases do conhecimento histórico, segundo seu entender, e os princípios que devem reger o estudo daquela matéria, além de apontar os erros de outros historiadores. Faz também severas críticas aos estudiosos de História que desleixam as rigorosas pesquisas às fontes documentais e deixam-se levar pela simples tradição oral (2). Critica também as tendências que muitos historiadores têm de transformarem os acontecimentos históricos em epopéias. Suas críticas são sempre acompanhadas de inúmeros exemplos, o que demonstra o seu conhecimento da História e seu avançado espírito de precursor.

No decorrer de suas críticas Ibn Khaldun faz inúmeras citações aos princípios que devem reger os estudos de História. Como exemplo, reproduziremos alguns desses princípios que ainda hoje são desconhecidos por alguns historiadores.

“As obras históricas encerram mais outro gênero de erros, devido à negligência dos autores em não prestarem atenção às modificações que os tempos e as épocas produzem no estado social... Com efeito, o estado do mundo e dos povos, seus usos, suas opiniões, não subsistem de maneira uniforme e numa situação invariável. Constituem ao contrário, uma sucessão de alternativas e uma transposição contínua de um estado para outro...” (3).

“Sabe-se que o homem é naturalmente levado a basear seus julgamentos sobre analogias e semelhanças. Este processo de julgar não está totalmente ao abrigo do erro, e, se acompanhado de desatenção e de falta de reflexão, perigosamente afasta do propósito e falseia o sentido da investigação. Relatar ou ouvir os acontecimentos passados é esquecer-se das modificações havidas na sociedade humana, para estabelecer um

---

(\*) . — Solicitamos dos Srs. Autores e Editôres a remessa de suas obras para a competente resenha bibliográfica (*Nota da Redação*).

(1) . — Ver Henri Pirenne, *História Econômica y Social de la Edad Media*. Ed. Fondo de Cultura Econômica, 6a. ed., pág. 10.

(2) . — Pág. 18.

(3) . — Pág. 68.

confrônto entre êstes fatos passados e as coisas que apreendeu ou testemunhou (no presente), é arriscar-se pela certa a cometer um grave erro, pela razão que os dois elementos a comparar podem apresentar diferenças notáveis" . . . (4).

Após a introdução, o autor passa a apresentar o livro primeiro: **Da sociedade humana e dos fenômenos que apresenta, tais como a Vida Nômade, a Vida Sedentária, a Dominação, a Aquisição, os meios de se ganhar a subsistência, as ciências e as artes; com indicações das causas que produziram êstes efeitos** (5).

Começa a apresentação discutindo o objetivo da História, que, segundo o autor:

"...se propõe... fazer-nos compreender o estado social do homem, isto é, a civilização, e explicar-nos os fenômenos que estão ligados naturalmente com ela, a saber: a vida selvagem, a humanização dos costumes, o espírito de família e de casta, os diversos tipos de superioridade que os povos conseguem obter uns sobre os outros e que dão origem aos Impérios e às Dinastias, a distinção das classes e dignidades, as ocupações a que os homens dedicam seus trabalhos e seus esforços, tais como as profissões lucrativas, os ofícios de que se vive, as ciências, as artes; enfim, tôdas as modificações que a natureza das coisas pode operar no caráter da sociedade" (6).

Continua o autor estudando o porquê dos erros que os estudiosos cometiam nos seus estudos de História, extraindo de sua análise sete causas básicas de erros que devem ser evitadas, e para ilustrar suas afirmativas apresenta vários exemplos de estudos históricos que incorreram naqueles erros.

O primeiro livro foi dividido pelo autor em seis partes:

- I). — Da sociedade em geral; das variedades da raça humana e dos países por ela ocupados.
- II). — Da organização social entre os nômades, das tribos e dos povos semi-selvagens.
- III). — Do governo dinástico; do Califado; da Realeza; das Dignidades que necessariamente os acompanham.
- IV). — Dos caracteres da organização social resultantes da vida em morada fixa, e da influência que exercem as cidades e as províncias.
- V). — Das Profissões e dos diversos meios de se procurar a subsistência e de se fazer fortuna.
- VI). — Das Ciências e dos meios de as adquirir e de se instruir (7).

A edição aqui resenhada apresenta em seu primeiro volume apenas as três primeiras partes do Livro I.

A primeira parte do Livro I por sua vez está dividida em seis **Discursos Preliminares**.

---

(4). — Pág. 70.

(5). — Pág. 85.

(6). — Pág. 85.

(7). — Pág. 102.

Começa o primeiro discurso defendendo o principio aristotélico de que “O homem é por natureza um animal social” (8). Partindo dessa premissa, o autor estuda a necessidade da reunião dos homens em sociedade, os acidentes geográficos, os climas e suas influências sobre os homens, a raça negra, etc., até chegar no sexto discurso onde procura aprofundar-se no conhecimento dos assuntos ligados aos fenômenos sobrenaturais, astrologia, seitas religiosas, etc.

A segunda parte está dividida em trinta capítulos, onde a sociedade humana é analisada sob um sistema evolutivo que vai da vida nômade à sedentária, sendo estudada também a formação dos impérios e os motivos pelos quais certos povos estão ou não em condições de formar um grande império, tomando como exemplo os beduínos e os árabes. No último capítulo da segunda parte, intitulado: **As Tribos e povoações agrícolas situadas nos campos submeteram-se à autoridade dos habitantes da cidade** (9), o autor procura demonstrar a superioridade da condição social de vida do homem das cidades sobre os homens do campo, tese esta refutada por De Slane que chegou mesmo a chamar a idéia de “falsidade do raciocínio do autor” (10). Cumprenos tornar claro que Ibn Khaldun escreveu sua obra nos fins do século XIV, isto é, época em que o mundo medieval sofria grandes transformações e o renascimento da vida urbana fazia com que os homens do campo dirigissem seus interesses para as novas cidades, procurando fugir à suzerania dos senhores feudais que dominavam a vida agrícola (11).

Lembramos também que Ibn Khaldun conhecia o Ocidente cristão, sobre o qual também escreveu, e que o mesmo fenômeno de predominância social da vida urbana sobre a do campo também ocorria no mundo muçulmano daquele período, o que aliás é explicado com clareza pelos tradutores desta edição brasileira.

A terceira parte está dividida em trinta e um capítulos, onde o poder político no mundo muçulmano é estudado na sua formação, desenvolvimento, evolução e decadência.

No término da terceira parte, encontramos um apêndice dividido em duas partes:

- I). — Planisfério de Idrissi e explicações de Ibn Khaldun sobre os diversos climas e suas divisões.
- II). — Autobiografia de Ibn Khaldun.

Na primeira parte há uma gravura de Hemisfério de Idrissi bastante reduzida e apagada, onde apenas adivinhamos os contornos, mas a descrição de Ibn Khaldun é uma grande contribuição para a História da Geografia, e principalmente para os estudiosos da História da Europa ocidental e oriental naquele período.

---

(8). — Pág. 105.

(9). — Pág. 269.

(10). — Pág. 269, nota 1.

(11). — Vide Henri Pirenne, *obra citada*, cap. II, págs. 36 a 47.

A parte da terra estudada naquele planisfério está dividida em sete climas e cada clima em dez secções. Os climas são descritos com bastantes pormenores, mostrando-nos o adiantado conhecimento geográfico dos muçulmanos daquela época, e também a organização político-social, e os hábitos e costumes dos diversos povos abrangidos pelo mapa.

Na segunda parte Ibn Khaldun nos dá sua autobiografia bastante pormenorizada, que é também em si um excelente documento histórico para o estudioso do assunto, pois sua vida e a de seus ancestrais está diretamente ligada aos acontecimentos importantes do Islão, basta-nos lembrar que Ibn Khaldun é de família de origem sevilhana, seus ancestrais foram para Sevilha com a conquista e de lá voltaram com a reconquista, e que Ibn Khaldun já é do período de decadência do Império muçulmano. Seu nome está portanto presente em toda a História do Islão.

O primeiro volume termina com um índice pormenorizado do seu conteúdo. É uma obra de grande valor que dispensa maiores elogios, pois todos aquêles que se dedicam ao estudo de História conhecem a importância que representa a tradução de Ibn Khaldun para o português.

#### VIVALDO W. F. DAGLIONE

\* \*  
\*

NOGUERA (Eduardo). — **Tallas Prehispánicas en madera**. Editorial Guaranía. México, D. F. 1958. 80 páginas mais 29 lâminas com reproduções de desenhos e fotografias. Brochura.

Eduardo Noguera, arqueólogo especialista no estudo das culturas americanas pré-hispánicas, foi diretor do Museu Nacional de Antropologia, por muitos anos também pertenceu à **Dirección de Monumentos Prehispánicos**.

A obra, como diz o título, estuda os trabalhos em madeira dos povos pré-hispánicos da América, destacando-se os aztecas e maias. O autor alega que em língua castelhana não havia obra que tratasse do assunto com profundidade, o que o levou a publicar seu trabalho. Procura provar que os povos pré-hispánicos fizeram uso da madeira para confecção de objetos de arte e de utilidades práticas em grande escala, contrariando assim a crença geral de que aquêles povos não usavam madeira; o autor acredita que esta crença existe porque praticamente desapareceram todos os objetos de madeira feitos por aquêles povos, desaparecimento êste devido à destruição dos colonizadores, dos padres catequizadores, e à ação do tempo sobre a madeira, que é um material facilmente deteriorável. Para provar essa tese o autor se baseia nos testemunhos dos cronistas e no alto valor artístico das poucas peças que se encontram hoje nos museus e coleções particulares.

...“La causa de la destruccion sistemática de los objetos de madera, a la que se une la poca resistencia de ese material, las obras talladas en ella no han podido sobrevivir hasta nuestros días, pero las afirmaciones de los antiguos cronistas y los ejemplares que aun se conservan, hablan elocuentemente del uso tan grande que los indigenas hacian de ese material, y de la pericia alcanzada en producir verdaderas obras de arte” (1).

No capítulo I da primeira parte (2) o autor descreve a grande quantidade de diferentes tipos de madeiras existentes nas regiões estudadas e os usos que aquêles povos faziam delas. A variedade de tipos de madeira era grande, havia árvores que eram encontradas também na Europa e árvores típicas da terra. O autor nos dá uma lista bastante grande, indicadora da riqueza em madeiras que se encontrava naquela região. Quanto ao uso, era variadíssimo, destacando o autor o exemplo da cidade de Teuechtitlan (3) que era uma cidade lacustre tôda de madeira, com obras complicadas feitas com aquêl material. Diz também o autor que os aztecas eram bastantes avançados no processo de estaqueamento dos solos pantanosos, processo hoje largamente usado em nossa engenharia.

No capítulo II são estudados os templos, palácios, e as casas. Segundo o autor os templos e palácios eram construídos de material sólido e cantaria, mas a massa da população viviam em casas de madeira.

...“En cambio, las moradas de las gentes de menores recursos y de más humilde condicion, las que se hallaban a orillas de los centros religiosos, eran de madera casi en su totalidad”... (4).

Continua o autor descrevendo nesta primeira parte da sua obra uma série muito grande de objetos feitos de madeira por aquêles povos: são móveis, máscaras, objetos de cerimoniais, ídolos, armas, vazilhas, etc.

No capítulo IV o autor faz a descrição pormenorizada de 12 tipos de atlates, uma espécie de lançador de dardos, arpões e lanças que foi conhecido desde a época paleolítica e que é anterior à invenção do arco. Estes atlates estão representados nas lâminas 7 a 14, onde nós podemos admirar os seus labores que indicam a grande capacidade artistica de seus fabricantes.

Nos capítulos seguintes o autor passa a descrever instrumentos musicais de madeira feito por aquêles povos. Descreve o huchuetl, uma espécie de tambor vertical, o teponaztlis, tambor horizontal que, no dizer do autor:

...“Ahora llegamos a las obras de más alto valor artistico en las que descollaron los antiguos pueblos de Mexico, y de las que todavia se conservan excellentes ejemplares, o que seam los teponaztlis” (5).

Passa a seguir a descrever os 23 exemplares conhecidos de teponaztlis conhecidos.

- (1). — Pág. 12.
- (2). — Pág. 15.
- (3). — Pág. 16.
- (4). — Pág. 19.
- (5). — Pág. 43.

Na segunda parte do livro o autor descreve o uso da madeira entre os maias, analisando alguns tipos principais de objetos feitos por aquêlo povo em madeira. Descreve as habitações, os dintéis (6). que, no dizer do autor, é um dos elementos característicos daquela arte, os tambores, os móveis, as armas, etc.

O autor cita também a característica das construções em cantaria e alvenaria dos maias apresentarem decorações imitando madeira, o que demonstra que primitivamente as construções eram feitas tôdas com aquêlo material.

...“Por otra parte, y para reforzar lo anterior, al estudiar la construccion de los templos mayas se ha hecho hincapié, por parte de varios autores, de que quizá su antecedente hayan sido estructuras de madera, teniendo en cuenta el estilo de la decoracion... Es ejemplo más clasico es el que los templos griegos que posteriormente construidos de mármol, en algunos de sus ornamentos vemos formas y estilos derivadas de adornos de madera. Igual cosa se puede observar en los edificios mayas, como así lo demuestra Viollet-le-Duc (7).

No final da obra existe uma coleção de 29 lâminas que reproduzem desenhos de cronistas, fotografias e gravuras dos inúmeros objetos de madeira estudados pelo autor.

Estas lâminas são valiosas para os estudiosos de arte e especialistas das culturas pré-hispânicas da América, assim como a obra em si que traz à luz uma série de interessantes e preciosas informações sôbre aquelas culturas.

A nosso ver a obra tem também um aspecto muito interessante que diz respeito à arquitetura e técnica de construções, pois as suas idéias são perfeitamente comprovadas dentro daqueles campos, confirmando assim a veracidade de suas afirmações.

VIVALDO W. F. DAGLIONE

\*

\* \*

MORRIS (Richard B.). — **The Basic Ideas of Alexander Hamilton.**

Editado por Richard B. Morris, professor da Universidade de Colúmbia. Edição da The Pocket Library. Pl. 33. 1956, 451 páginas.

Este livro foi publicado nos Estados Unidos para o Bicentenário de Alexandre Hamilton que foi comemorado em 1957, segundo a iniciativa do Presidente Eisenhower juntamente com o Congresso.

O autor da publicação é Richard B. Morris, professor de História da Universidade de Colúmbia e membro da **Editorial Board of the Papers of Alexander Hamilton.** E' uma autoridade no estudo da Revolução Norte-Americana, colecionador e estudioso dos documentos referentes a Alexandre Hamilton, tendo publicado muitos trabalhos referentes a êsse assunto.

(6). — Dintel é a travessa superior dos batentes de portas.

(7). — Pág. 59.

Contém a obra aqui citada, uma valiosa coleção de transcrições de documentos escritos por Alexandre Hamilton, selecionados e ordenados de maneira a expor suas idéias sobre os diferentes problemas do país naquela época, e sobre a maneira de resolvê-los. No final, à página 412, sob o título de **Life and Death**, Morris colecionou uma série de documentos que dizem respeito à vida particular de Hamilton, onde podemos conhecer muitos dados para sua biografia e também inteirar-se de sua personalidade.

O trabalho de Morris foi amplo e minucioso, pois todos os documentos estão organizados segundo uma rigorosa cronologia e correspondem exatamente aos títulos sob os quais estão catalogados. Fornece ao estudioso daquele assunto um rico material já organizado, com um índice onde é possível em rápidos segundos selecionar-se os documentos referentes à determinados assuntos. Obras deste tipo, colocadas ao alcance do público, favorecem grandemente os estudantes e especialistas da matéria que conhecem muito bem o problema que representa a busca de fontes documentais para o estudo de História.

No início do livro Morris faz uma rápida análise de Hamilton, orde expõe a sua a tese sobre aquêlê personagem. Trata-se da introdução, página XIII, com o título de: **Alexander Hamilton after two centuries**. Diz Morris que:

“Hamilton foi um dos primeiros grandes nacionalistas”... e que ...“o destino da América estava baseado num govêrno nacionalista com poderes apropriados às necessidades e oportunidades que a época oferecia”, segundo Hamilton (pág. XIV).

Continua Morris a análise de Hamilton sobre seus múltiplos aspectos, mas sempre mantendo a tese do nacionalismo Hamiltoniano e de suas tendências ao govêrno central forte.

E' uma coletânea interessantíssima, que nos chega através de uma publicação de caráter popular, não especializada sobre tais assuntos, isto é, a **The Pocket Library**.

**VIVALDO W. F. DAGLIONE**

\*

\* \*

WILSON (Robert A.). — **Genesis of the Meiji Government in Japan**, University of California Publications in History, vol. 56, University of California Press, Berkeley and Los Angeles, 1957, 149 páginas.

A importância do Japão no âmbito da política externa norte-americana, quando mais não fôsse, já seria suficiente para justificar o interesse votado àquêlê país no panorama intelectual dos Estados Unidos. “**The Japanese are now indispensable to us. We must understand them, as we never understood them when they were our**

**ernemies**”: tais palavras encontram-se num volume publicado justamente sob os auspícios da **Society of American Historians**, destinada à divulgação de conhecimentos de História em amplas camadas do público, e dão testemunho da necessidade do contacto com o passado de um povo, se pretendermos chegar a compreendê-lo (cf. **The World of History**, New American Library, 1954, pág. 134). No caso nipônico, então, tudo é mais difícil principalmente em virtude do grande número de preconceitos e de falsas apreciações por parte dos ocidentais. Basta lembrarmos, por exemplo, o que pensava uma personalidade da categoria de um Henry Adams acêrca dos japoneses, para vermos o muito que se exigiu e se exige dos historiadores, para conseguir-se um reajuste de visão; eis um trecho das impressões de Adams: **“This is a child’s country. Men, women and children are taken out of the fairy books. The whole show is out of the nursery. Nothing is serious”** (ap. **The world of History**, pág. 139). Tal juízo, numa época em que os japoneses se empenhavam no seu gigantesco esforço de acertar o passo com a civilização ocidental, revela claramente o total desconhecimento do processo então em curso. À história, em grande parte, cabe repor as coisas nos seus devidos lugares, e para ‘êste fim colaboram trabalhos do tipo do que ora nos interessa. Apenas quatro anos tomam-se aqui, como período a ser examinado: 1868-1871; um só ponto de vista é assumido: o ‘estritamente político. Difícilmente seria possível, dentro de limites traçados de maneira tão rígida, realizar-se um livro de leitura atraente, envolvendo grandes voos de imaginação ou hipóteses ousadas. Não, mesmo porque isto parece estar ausente das intenções do Autor. O que temos, é um esforço de “apresentar, de modo ordenado, um quadro dos órgãos do govêrno e dos homens por êles responsáveis durante o período em questão”, sem pretensões relativas a uma “super-estrutura de caráter mais sofisticado” (pág. III). A transição, em alguns anos apenas, da Idade Média feudal japonesa para um regime constitucional moderno do tipo europeu, não se processaria sem uma série de hesitações, de experiências, de parciais malogros, até, tanto mais quanto faltava aos nipônicos qualquer exemplo em que pudessem buscar ensinamentos. O empirismo era o único caminho, compreendendo-se, assim, as sucessivas remodelações constitucionais (25-II-68; 11-VI-68; 24-VI-69), à procura da fórmula melhor ajustada ao caso. O papel do Imperador e do Xintoísmo, como religião de Estado (oposta ao Budismo, antes favorecido pelos Tokugawa), é sempre pôsto em destaque, por representar o elemento fiador da estabilidade, numa fase em que tudo se submetia a uma revolução (cf. págs. 53, 56, 67, 71, 80, etc.); lembra-se, também a existência de um denso cenário no plano da política externa, em que a Rússia, especialmente, se constituia numa permanente ameaça aos destinos do Impêrio comprometido em sua imensa aventura (pág. 79). Delineia-se, portanto, uma explicação para o místico respeito à família reinante e para a orientação militarista, a surgir em breve. Sempre em função/das reformas políticas, sublinha-se a importância da classe samurai (pág. 77), fazendo-se uma ligeira (mas utilíssima) referência aos seus es-

forços de contacto com o mundo ocidental (págs. 35-36), fato indispensável para êxito da renovação Meiji. Todo o volume, enfim, constituiu-se numa honesta e valiosa contribuição para o estudo de um movimento que, a despeito de sua significação e excetuando-se alguns especialistas, parece ter sido, até agora, encarado de maneira demasiado superficial no mundo do Ocidente.

**PEDRO MOACYR CAMPOS**

\*

\* \*

MEDINA (José Toribio). — **Historia de la imprenta en los antiguos dominios españoles de America y Oceania**. Prólogo de Guillermo Feliu Cruz, complemento bibliográfico de José Zamudio Z. Publicação do "Fondo Historico y Bibliografico José Toribio Medina". Santiago de Chile, 1958, 2 volumes. Tomo I, 603 páginas. Tomo II, 540 páginas. Brochura.

Nesta obra estão reunidos todos os estudos de José Toribio Medina (1852-1930) sobre a história da Imprensa na América e Oceania, desde sua introdução nos tempos coloniais até 1910. No verso da primeira página do I volume está impresso o texto da Lei n.º 10.361 de 25 de junho de 1952 do Congresso Nacional Chileno, lei que criou o "**Fondo Historico y Bibliografico José Toribio Medina**".

À página VII há um índice geral que apresenta a lista completa dos estudos e documentos apresentados neste primeiro volume, e à página XV há um índice das lâminas. No prólogo à página XIX Guillermo Feliu Cruz apresenta uma gênese do bibliógrafo Medina, onde são feitos amplos estudos em torno da obra daquele estudioso e da bibliografia sobre o assunto. As trinta e quatro obras reunidas nesta edição estão classificadas a partir da página XXIV, com todas as informações sobre sua origem, local de realização, conteúdo, etc. Continua o prólogo apresentando às páginas XXXVII e XLXIX uma "**Cronologia de la imprenta en las ciudades y lugares de America y Oceania**"; êste quadro cronológico foi elaborado por G. F. Cruz baseado nos trabalhos de Medina, tem como data inicial do aparecimento da imprensa no ano de 1539 no México.

Continua o prólogo estudando os motivos que levaram Medina aos seus estudos sobre o assunto, apresentando uma relação numérica completa dos trabalhos realizados (pág. XL), relação esta que nos deixa bastante admirados pelas altíssimas cifras que atinge, o que indica uma capacidade de trabalho e realização em todos os pontos de vista excepcionais para um só homem. Ainda são estudadas as arduas e buscas que Medina realizou pelo mundo à cata de material para seus estudos, além de vários outros assuntos com êles relacionados.

Após o prólogo, à página XVII, há uma "**Bibliografia de Estudios Complementares a las obras de Medina relativas a la Imprenta**"

por José Zamudio Z. E' uma bibliografia que abrange todos os locais e períodos estudados por Medina e dividida em bibliografias: geral, por país, regiões e cidades. Trata-se de uma extensa lista bibliográfica com pequenos comentários, ocupando trinta e duas páginas que pelo seu conteúdo torna-se indispensável para o estudioso do assunto.

Após a parte introdutória, inicia-se a obra de Medina com nova numeração das páginas. O primeiro trabalho apresentado são "**Las Leyes Generales de Imprentas en las Monarquias Españolas**" (1), onde estão transcritos os documentos relacionados com o assunto. São leis, disposições especiais, licenças etc., comentados por Medina, por onde podemos depreender o empêno que a Metrópole fazia para impedir que se imprimisse livros nas Índias, com o fim de evitar que idéias contrárias à religião e ao domínio real tivessem entrada ou se difundissem nas colônias.

Continuando, temos um estudo sobre a Imprensa no México, dividido em oito capítulos, onde são estudadas e documentadas as primitivas imprensas mexicanas, os impressores, as leis que determinavam sua existência e atuação, suas obras, seus estabelecimentos, e todos os assuntos relacionados (2). O mesmo é feito nos demais capítulos com relação aos gravadores, livreiros, bibliógrafos, as leis e privilégios e a documentação existente. Sendo estudado inclusive um processo que a Inquisição no México moveu contra um francês impressor, de nome Pedro Chartre, acusado de externar oralmente idéias luteranas (3). E' um documento interessantíssimo tanto para a história jurídica como para a social e religiosa, além de sua utilidade para a história da imprensa.

Concluído o estudo sobre a imprensa no México a obra continua com "**La imprenta em Lima**" (4), que está dividida em três capítulos:

I. — "**Impressores Limeños**" (5). Como diz o nome são estudados minuciosamente os impressores, suas vidas, obra e documentos que lhes dizem respeito.

II. — "**Gravadores y Libreros**" (6). Da mesma maneira que os impressores, desta vez são os gravadores e livreiros os estudados, juntamente com outros assuntos que lhes estão ligados, assim como os autores das obras, as técnicas de trabalho, a venda dos livros, etc.

III. — "**Consideraciones Generales**" (7). Neste capítulo o autor volta a estudar, com novas fontes documentais, a questão das:

"multitudes de trabas estabelecidas por Las leyes para la impresion de libros en general y particularmente en las Indias..." (8).

(1). — Pág. 3.

(2). — Pág. 43.

(3). — Cap. XVIII, *Processo de Pedro Orchartre*, pág. 393.

(4). — Pág. 435.

(5). — Pág. 435.

(6). — Pág. 479.

(7). — Pág. 489.

(8). — Pág. 489.

São estudadas também a liberdade de imprensa, as suas consequências e a formação das principais bibliotecas.

Após estes estudos, temos três apêndices: I). — **“La primera muestra tipografica xalida de las prensas de la America del Sul”** (9). Trata-se de uma pragmática que foi publicada em Quito em 17 de agosto de 1584, que, segundo o autor:

“...La “Pragmatica sobre los diez diaz del año” puede reclamar para si el honor de haber sido, si no el primer libro, al menos el primer folleto impreso en la America del Sur” (10).

II). — **“Un Incunable Limeño hasta ahora no descrito”**.

Trata-se de um documento importante, que Medina acrescentou às coleções daquele país. De sua importância nos diz o autor:

“...se trata de un impreso de grandíssima importancia historica para los pueblos del habla castellana e inglesa. Pocos hechos, en verdad, se hallavan en las relaciones de ambas naciones en el nuevo mundo que puedan compararse a las audaces empresas de los marinos ingleses en el Pacifico durante el siglo XVI y a la alarma y sobresalto que produjevan en estas colonias de España...” (12).

E, finalmente, temos, encerrando o I volume, uma coleção de 16 documentos do **“Archivo de Indias”**: são pedidos de licenças para criar imprensa, sindicâncias reais sobre as atividades de impressores, escrituras de fianças, cédulas de privilégios para a impressão de cartilhas, etc. Documentos todos ligados a questões do estabelecimentos da imprensa na América. Por estes documentos, compreendemos as dificuldades que as colônias encontravam para imprimir seus trabalhos ante os inúmeros obstáculos que o governo real lhes impunha. É interessante também a leitura dos documentos que davam privilégios a determinadas entidades para a impressão de livros colegiais. Como sabemos, o sistema de monopólio e privilégios foi o meio encontrado pelos reis de Espanha para poder efetuar sua política mercantilista nas colônias. Sobre os privilégios diz Medina:

“Mas de todos esos privilegios ninguno mas absurdo que el concedido a la catedral de Valladolid para la venta de cartillas en America. En un documento, publicado tambien por nosotros, aparece la historia de tan singular concesion y de como lograron barrenarla a su favor un hospital de Mexico y la casa de los Expositos de Lima. Se verá también que solo en el ultimo cuarto del siglo XVIII se reaccionó contra un sistema tan odioso y atentatorio a la instruccion publica...” (13).

O II volume tem como início o capítulo intitulado **“La imprenta em Manila”** (14), contendo dez parágrafos, uma coleção de documentos e dois apêndices. No primeiro parágrafo é estudado como pro-

(9). — Pág. 505.

(10). — Pág. 507.

(11). — Pág. 509.

(12). — Pág. 509.

(13). — Pág. 492. Ver também o documento n.º X, pág. 329, XI à pág. 525 e XVI à pág. 541.

(14). — Pág. 3.

fundidade a **“Falta de noticias ciertas acerca de la fecha de la introducción de la Imprenta en Filipinas”** (15), é interessante notar que segundo o autor:

“Ya hemos dicho que no puede dudar-se de que en las primeras impresiones filipinas debió usarse exclusivamente el sistema de los chinos...” (16).

Depois Medina estuda as provas existentes sôbre a data da introdução da imprensa nas Filipinas, concluindo que não se deve dar a última palavra sôbre o assunto:

“... hoy por hoy, no és posible llegar a una afirmación categórica acerca de la fecha precisa en que tuvo lugar la introducción de la imprenta en Filipinas...” (17).

Nos parágrafos seguintes o autor continua a estudar o assunto em questão com profundidade, estudando as características da imprensa filipina, as diversas impressas que foram sendo fundadas, a partir da dos franciscanos, seguindo-se a da Companhia de Jesus, de Santo Agostinho, as imprensa civis, etc.

No parágrafo VIII **“Consideraciones generales sôbre los impresos y libros filipinos”** (18), o autor estuda porque os trabalhos filipinos são:

“Tan pobres en su e ejecución como escasos en número”.

Explicando que as péssimas condições dos aparelhos de impressão, o papel chinês de durabilidade efêmera, o desinterêsse, e a incapacidade dos nativos em aprender tanto o officio como a lingua castelhana, além de outros motivos, fizeram com que a imprensa nas Filipinas tivesse tão pouco resultado.

Nos parágrafos seguintes são estudados as bibliotecas, os bibliógrafos e três documentos por onde podemos compreender as dificuldades que a Metrópole impunha aos povos da América e Filipinas nos assuntos de impressão.

Segue-se a êste parágrafo o apêndice I: **“El primer periódico publicado en Filipina y sus origines”** (19). Onde dá um rápido relato do nascimento dos primeiros jornais da América do Sul e Oceania, assim como as causas básicas daqueles acontecimentos.

No apêndice II: **“Nota bibliografica sobre un libro impreso en Macáo 1590”** é discutida a procedência da obra do sacerdote Eduardo de Sande: **“De Missionen Legatorum Iaponesium... etc.”** (20), obra esta que foi objeto de controvérsia nos meios bibliográficos, devido o desconhecimento da data de sua publicação.

Após estudar longamente a Imprensa nas Filipinas, Medina passa a estudá-la mais resumidamente noutras cidades da América e tam-

(15). — Pág. 5.

(16). — Pág. 9.

(17). — Pág. 15.

(18). — Pág. 31.

(19). — Pág. 65.

(20). — Pág. 81.

bem do Paraguai. Estuda a imprensa de “**La puebla de Los Angeles**” (21), desde a fundação da primeira imprensa em 1639 (22) até a fundação da imprensa liberal de Moreno Hermanos em 1820, ano em que também começou funcionar a imprensa do govêrno. Continua estudando a imprensa da Guatemala, do Paraguai, de Havana, Oaxaca, Bogotá, Ambato, Quito, Córdoba, Chile e de Buenos Aires.

Sôbre Buenos Aires (23) seus estudos são profundos e minuciosos e apresenta uma farta documentação (24).

Após o estudo pormenorizado da imprensa portenha, são apresentadas as imprensas de Guadalajara, Vera Cruz, Santiago de Cuba, Montevidéu, Pôrto Rico, Caracas, Cartágena de Indias, Mérida de Yacatan, Santa Marta, e outras cidades, de maneira bastante resumida.

Medina encerra sua obra com um capítulo sôbre “**Las obras de la Bibliografía Hispanoamericana**” (25). São resenhas e biografias das obras e autores mais importantes da bibliografia sôbre a imprensa nas Américas e Oceania.

E’ esta obra de Medina de tal maneira importante pelo seu conteúdo e valor que deve ser colocada com muita justiça entre as obras máximas da história. E’ de conhecimento indispensável ao estudioso, quer da história da imprensa quer de outra especialidade, tanto pelo seu conteúdo como também pelo exemplo de trabalho metódico, inteligente e incansável que ela nos dá.

VIVALDO W. F. DAGLIONE

---

(21). — Pág. 89.

(22). — Pág. 93.

(23). — Pág. 327.

(24). — Pág. 379.

(25). — Pág. 519.